

APRESENTAÇÃO

A necessidade de ampliar o olhar da Medicina moderna sobre a condição humana e o cuidar, fez com que, a partir da década de 1970, várias escolas médicas começassem a inserir ao currículo contemporâneo disciplinas da área de humanidades articuladas à prática médica, as chamadas “humanidades médicas”.

Ainda periféricas na educação médica, as humanidades vêm ganhando espaço no processo educacional/vivencial/afetivo em Medicina, com vistas ao (re)conhecimento da alteridade, ao comportamento ético e ao desenvolvimento de habilidades de comunicação e construção de vínculos.

Capítulo particular dentro das humanidades médicas, as interações entre Medicina e Arte abrem caminhos que, em uma formação restrita aos aspectos biotecnológicos da profissão, jamais seriam abordados: a experiência do médico como artista; a vivência de ser tocado pela arte e descobri-se mais além; a experiência do paciente como artista, a própria Medicina como interpretada pelas obras de arte, e até mesmo de si mesmo como artista, como acontece com alguns de nossos alunos.

As artes também propiciam conhecimentos estéticos e percepções que vão lapidar intuição e empatia, competências bem diferentes àquelas a que médicos e estudantes estão habituados, mas cada vez mais reconhecidas como essenciais para as boas práticas em Medicina – e mais, para o próprio prazer de ser médico.

As humanidades médicas despontam como recurso de subjetivação para o aluno se re-inventar em uma identidade profissional mais sensível ao humano de si (o médico) e do outro (paciente, familiares, equipe de saúde).

Outro aspecto importante a se destacar é que, na interface Medicina e Arte, há sempre uma questão narrativa. A prática médica ocorre em meio a uma profusão de narrativas, muitas vezes desconsideradas pelo engessamento normativo, mas a vida de médico é uma vida de encontros com o outro em que tudo acontece sobre histórias contadas e re-contadas por pacientes e médicos em interação. Temas que as artes não cansam de representar: a vulnerabilidade humana, medos, cuidados, luto, rituais de cura e superação, emoções todas, violência, sexualidade, crenças, esperanças e desesperos.

Aprender a perceber e conhecer essa dimensão da prática não como um subproduto ou um ruído de fundo “ao que interessa – o núcleo duro técnico e tecnológico da Medicina”, mas como expressão substantiva e criadora do ser médico, poderá, quem sabe, iluminar da Medicina sua tão bela face de Arte.

Prof^a Dra. Izabel Cristina Rios

Coordenadora das Disciplinas de Humanidades Médicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo